

Dossiers

*Estrelas de primeira grandeza: reflexões sobre o uso
de redes sociais na investigação histórica*

*Stars of first magnitude: reflections about social networks use in the
historical investigation*

*Adriano Comissoli**
*Miguel Ângelo Silva da Costa***

Resumo: Partindo do entendimento de que o emprego analítico das redes sociais se concentra nas práticas dos atores sociais e suas diferentes formas de interação em níveis mais elevados de agregado social, o presente artigo tem como objetivo estabelecer diálogo entre o tratamento empírico de problemáticas historiográficas e o potencial metodológico das redes sociais no campo da pesquisa histórica.

Abstract: Based on the understanding that the analytical use of social networks and their different forms of interaction in higher levels of social aggregate, this article intends establish dialogues between empirical treatment of historiographical problematic and the methodological potential of networks social in the research historical.

Palavras-chave: Redes sociais; metodologia; pesquisa histórica.

Keywords: Social networks; methodology; historical research.

Pontos, linhas e atores posicionados

A contribuição acerca do emprego analítico das redes sociais no campo da pesquisa histórica é variada e se encontra associada à influência das ciências sociais. Todavia, como recurso metodológico focado nas

* Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF). *E-mail:* adrianocomissoli@hotmail.com

** Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Pesquisador associado no Centro de Estudios Sociales de América Latina (Cesal), de la Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires (UNCPBA). *E-mail:* miguelcosta@yahoo.com.br

práticas dos atores sociais e suas diferentes formas de interação, a metodologia cada vez mais se consolida como uma ferramenta instrumental capaz de oferecer alternativas de observação de dinâmicas sociais próprias da história sem, contudo, perder de vista a análise interligada de escalas de observação: do individual, do relacional e do estrutural ou sistêmico. (BERTRAND, 2000; LEVI, 2000; LEPETIT, 1998).

Trocando em miúdos e na esteira da opinião desses historiadores, cremos possível dizer que trabalhar com redes sociais é como brincar de Lego. Trata-se de montar uma sociedade a partir de intrincados sistemas de encaixe, como em um gigantesco jogo de armar. A questão que se coloca para o historiador, portanto, é aprender a cadenciar as peças de forma a criar um padrão. O que faremos aqui é quase um diálogo. Traremos à tona algumas questões referentes ao tratamento empírico de problemáticas historiográficas a partir da metodologia das redes sociais. Seguindo a ideia de que as redes são construídas a partir de um indivíduo determinado, *ego*, nos arrogaremos o direito de sermos nós mesmos um tanto egocêntricos, valendo-nos de nossos trabalhos como exemplos, embora não como modelos.

Para início de conversa: princípios esclarecedores

Sempre é bom esclarecer. E quanto mais simples, melhor. Vejamos uma explicação breve e simples sobre redes sociais, ou *social networks* – conforme a literatura de língua inglesa tornou conhecido o conceito – e sua correlação metodológica no terreno da pesquisa histórica. Por sua simplicidade, partamos de Jeremy Boissevain.

The social relations in which every individual is embedded may be viewed as a network. This social network may, at one level of abstraction, be looked upon as a scattering of points connected by lines. The points, of course, are persons, and the lines are social relations. (1974, p. 24).

Bastante elucidativo. Trabalhar com redes sociais nada mais é do que tratar das relações sociais que interligam as pessoas. As redes são abstrações que têm por finalidade possibilitar a visualização ordenada de tais relações, facilitando sua compreensão e seu estudo. As redes terão, ainda, para Boissevain, a característica de construir-se de forma egocentrada, ou seja, partem de um indivíduo determinado e avançam

segundo as relações estabelecidas entre ele e outras pessoas, mas igualmente entre essas e outras pessoas, crescendo e aumentando o alcance do *ego* investigado. Esse alcance pode ser visto como um circuito de comunicação, no qual os elos da rede são canais de comunicação em potencial. Eles permitem supor ou avaliar o quão distante um sujeito consegue transmitir uma mensagem, embora, em um primeiro momento, não garantam a eficácia da comunicação.

Nossos leitores já terão aqui algumas dúvidas ou discordâncias. Primeiramente por que tratamos de pessoas e não de transmissores eletrônicos; segundo, as mensagens são, de fato, transações entre agentes sociais. Boissevain aponta que transações [*transactions*] são interações entre atores governadas pelo princípio de que o ganho é maior ou igual do que o custo da interação, seja em bens, seja em serviços. Se o fluxo de trocas se mostra recíproco para ambos os envolvidos, fala-se mais apropriadamente de trocas (*exchange*). “Exchange is thus reciprocal while transaction may be only unilateral.” (BOISSEVAIN, 1974, p. 26).

Acreditamos que essas premissas são suficientes para avançarmos sobre terreno mais pantanoso. Basta, no momento, entendermos que tratamos de uma ferramenta de análise social – não de uma teoria social – caracterizada pela observação de transações e de trocas, no sentido acima descrito, entre pessoas, e que o padrão de relações reiterado no tempo nos permite uma descrição gráfica dos mesmos por meio de pontos e linhas. Logo, redes.

A pergunta que nos assalta de imediato é: como construir uma rede social para a investigação histórica? Não será muito diferente de outros trabalhos. Como as redes sociais não são uma teoria social, ou seja, elas não pretendem descrever o funcionamento da sociedade ou sua estruturação, elas devem ser entendidas como um instrumento analítico desses processos.

Sendo assim, poderíamos considerar que, sob o ponto de vista historiográfico, foi a corrente da micro-história social que acionou o método como um instrumento potencialmente rico para análise histórica. Como nos lembra Maurizio Gribaudi,

dans réseaux de relations se lisent les traces de l’histoire des interactions et des négociations qui ont eu lieu entre chaque individu et les milieux dont il est issu et qui l’a traversés tout au long de son parcours social. Les itinéraires se déroulent à l’intérieur d’espaces différemment

articulés, marqués par formes et des logiques de cohésion différentes.
(1995, p. 192).

Nessa linha de raciocínio, Bernard Lepetit lembra-nos que sendo produto do acumulado dessas experiências, as redes desenham os horizontes de expectativas dos indivíduos e de seus grupos. Sua identificação permite recuperar o conjunto das intenções conscientes – mas não racionalistas – que alavancam os processos macroscópicos, mas também explorar ações individuais imersas em contextos nos quais se desenrolam os jogos sociais: “A ambição dessa cartografia dinâmica é localizar e desenhar, em sua variedade, o conjunto de mapas que correspondem aos vários territórios sociais.” (LEPETIT, 1998, p. 88). Por sua vez, o princípio de funcionamento das interações e das tomadas de decisão “é por seu lado único e só privilegia uma única escala, a do microscópio, na qual operam os processos causais de quem dependem todos os outros”. (p. 88).

A chamada escala microanalítica, note-se, nada mais é do que a percepção dos processos sociais em nível dos indivíduos, o que nos permite melhor acompanhar seus processos de tomadas de decisão. O acompanhamento atento não ignora a relação dessas com o funcionamento e a reiteração das estruturas da mesma realidade. De fato, grande parte do esforço se dirige a contrastar os sistemas normativos amplos com a ação dos atores e seus impactos sobre seus círculos relacionais. (LEVI, 1992, p. 137). É o que defende José Maria Imízcoz, quando considera que esse nível lhe parece especialmente operativo, até porque, segundo esse historiador, o método permite analisar de modo global “las configuraciones reales de los actores sociales, suas dinámicas coletivas y de qué modo en estas dinámicas se produce el cambio o la reproducción de las estructuras organizativas y de los sistemas sociales”. (2004, p. 125-126).

Para José Imízcoz (2004), trabalhar com a realidade social é trabalhar com relações. Abordá-las visual e metodologicamente como redes apenas privilegia os elos que unem os indivíduos ou os grupos, mas não só, pois esses elos incidem igualmente em regras, implícitas ou não, e práticas recorrentes entre os atores sociais. Tais regras, práticas e ligações dotam a sociedade de coerência no nível macroscópico, pois organizam os indivíduos de acordo com modos de atuação determinados por ações precisas. Em conclusão, para diferentes sociedades correspondem

sistemas de relações particulares com características próprias. (BEUNZA, 2002, p. 36).

Entretanto, como qualquer ferramenta, a análise de redes sociais não terá objetivo em si, mas servirá a um propósito previamente definido. Portanto, a rede será mais ou menos adequada ao trabalho do historiador conforme suas perguntas sejam formuladas. Nesse caso, quando uma rede não apresenta sentido explicativo, e ela nunca terá sentido por si mesma, é porque as perguntas que orientaram a confecção da rede não foram bem-formuladas. Se seguirmos alguns exemplos, poderemos chegar a algumas conclusões.

O inimigo de meu amigo é meu inimigo

Nosso primeiro exemplo diz respeito à vida política na vila de Rio Pardo, Província do Rio Grande do Sul, na segunda metade do século XIX, Império do Brasil. Encontramos uma rede social nessa localidade. Como a desenhamos? Ora, conforme já observamos, uma rede social é tecida por relacionamentos. Eles constituem os nós das redes, seus pontos de ligação. A rede representa, a fim de apresentar sentido explicativo, fluxos relacionais. Portanto, não basta compartilhar um dado elo para que a rede seja traçada, é necessário que os relacionamentos indiquem trocas e transações de alguma forma e a possibilidade de acionar certos sujeitos com relativa possibilidade de sucesso (comunicação). Em nosso primeiro exemplo, essa situação se concretizou de forma curiosa no caso de dois cunhados, homens de destaque na comunidade de Rio Pardo: José Joaquim de Andrade Neves e João Luís Gomes da Silva.

Não é possível estabelecer com exatidão o fato motivador, tampouco o começo da guerra particular entre ambos, mas temos convicção de que, há bastante tempo, vinham alimentando mágoas recíprocas. Nesse sentido, devemos salientar a existência de elo matrimonial entre José Joaquim de Andrade Neves e Ana Carolina Júlia Gomes da Silva, irmã de João Luís Gomes da Silva, um enlace construído com base em estratégias concebidas no complexo mosaico da solidariedade e da cooperação seletivas, não raro adotadas para organizar a reprodução de grupos familiares que vivenciaram intensamente as incertezas tributárias da instabilidade política na então Província do Rio Grande de São Pedro. Talvez, como apontou Giovanni Levi, uma articulação social viável, baseada “nas amplas fontes de favores, dados ou esperados, através dos

quais passavam informações e trocas, reciprocidade e proteção”. (LEVI, 2000, p. 98).

Contudo, se a coalização familiar almejada tinha como objetivo ampliar as margens de manutenção dos recursos sociais e políticos na localidade, os que casavam foram um homem e uma mulher e não necessariamente duas famílias. Embora tenham dado aquele passo mediante a influência de um variado conjunto de regras, preferências, expectativas e objetivos coletivos presentes na cultura do meio e da família, esses também não eram necessariamente coerentes, tampouco imunes ao conflito de interesses futuros. Essa pequena variável de incerteza diz respeito, justamente, às ações concretas dos sujeitos, as quais, a despeito de regras e práticas estabelecidas, podem e muitas vezes fogem das tendências apresentando, aos olhos do pesquisador, ao menos, uma boa dose de incoerência.

Portanto, apesar de disporem de um inegável laço familiar, os cunhados não podem ser analisados como membros de uma mesma rede social, visto serem antagonistas na disputa política local. Não há como realizarem trocas e transações, na medida em que seu relacionamento é de uma explícita animosidade e rivalidade. Será difícil imaginá-los convivendo em proximidade por conta do parentesco, como logo demonstraremos. Seu conflito levava os demais sujeitos a se posicionarem a favor de um ou de outro indivíduo, o que significa dizer que uma rede de apoios e clientelas se definia em função da outra.

A capacidade de mobilização entre os dois cunhados rivais foi destacada especialmente em momentos de confronto político, eventos marcados por intensa violência no Brasil do Oitocentos. (GRAHAM, 1997). Não sejam ingênuos. Esses episódios ganharam destaque não porque a análise da rede conduziu o investigador aos mesmos. Antes, sim, a utilização do recurso às redes procurou melhor elucidar o fenômeno das disputas políticas e eleitorais brasileiras das quais Costa (2011) estava plenamente ciente. Assim, o fim justificou os meios. Para tanto, alguns cuidados foram necessários.

Historicizar os reflexos mais amplos que os atritos provocavam na estruturação dos embates faccionais torna-se tarefa imprescindível à análise. Porém, para isso, é necessário compreender como suas ações construía aquelas tramas. Não se trata aqui de considerar seus comportamentos como uma forma de ação baseada num conjunto de

impulsos cognitivos de ordem hiper-racionalista, mas como práticas tecidas a partir do conhecimento intuitivo e consoante com os limites que lhes eram impostos pelos recursos de seus adversários e pelas normas intrínsecas ao jogo político. (COSTA, 2011, p. 127).

Limites impostos pelos recursos dos adversários, nesse caso, significam que as mensagens transmitidas ao longo da rede encontravam resistência justamente pela rede de relacionamentos do adversário. As mensagens em questão dizem respeito à iniciativa de João Luís Gomes da Silva de contestar a idoneidade de um juiz envolvido no processo eleitoral municipal do ano de 1859, o qual estava diretamente associado a seu desafeto, José Joaquim de Andrade Neves. Dessa forma,

o documento eleitoral apresentado transcende as dimensões estritamente jurídicas na medida em que desponta como um manifesto de contestação ao poder de mando e influência do liberal progressista Andrade Neves. Por outro lado, a forma como seu conteúdo repercutiu entre as partes envolvidas, coloca em tela o uso instrumental e a força que os laços pessoais assumiram naquele embate. (COSTA, 2011, p. 127).

Ou seja, ao contestar o juiz durante a eleição de João Luís Gomes da Silva afrontava Andrade Neves, o que não escapava aos homens da vila, todos bastante cientes dos elos e compromissos existentes naquele espaço. O avanço judicial da contenda levou Andrade Neves a remexer o passado do adversário: João Luís Gomes da Silva violara e destruíra o túmulo de um líder rebelde ao tempo da guerra civil de 1835-1845. Para trazer o episódio à tona e assim desmoralizar o cunhado e rival, Andrade Neves “rogou” a um de seus apoiadores que informasse quem fora “o oficial que foi à Vila [de Caçapava] e desmanchou o túmulo ou catacumba do falecido Major João Manuel de Lima e Silva”. (COSTA, 2011, p. 131). O partidário respondeu-lhe com “estima e particular amizade” afirmando-se, em carta ser-lhe um “venerador e criado”, e que o violador não era outro que não João Luís Gomes da Silva.

Investigadores calejados nas correspondências dos séculos XVIII e XIX podem ressaltar que tais formas de tratamento fazem parte do próprio formulário de missivas na época, não sendo por si reveladoras de um fluxo de transações. Contudo, considere-se que o pedido era feito em

meio a um contexto de forte disputa e no qual todos os atores estavam, parafraseando o antropólogo norueguês Fredrik Barth, devidamente posicionados. O que significa tal afirmativa? E em que ela nos ajuda a pensar a utilização de redes sociais na investigação histórica? Façamos um intervalo na altercação dos dois cunhados para trazer mais dados ao nosso instrumento analítico.

Barth não estará distante de Boissevain em suas considerações sobre redes sociais. Ele também as considera um instrumento egocentrado, apenas que nomeia o ponto de partida da construção ou da análise da rede como estrela de primeira grandeza [*first order star*]. O que Barth acrescenta de útil são duas observações que podem nos ajudar a evitar o crescimento exponencial e desordenado de nossas redes. A primeira observação diz respeito ao entendimento dos atores sociais. A assertiva do antropólogo é a de que a análise da vida social só pode ser alcançada ao se estudar pessoas reais em situações reais – e, assim, se desligar de projeções idealizadas – e conduz ao entendimento dos sujeitos como compostos por *status*. Esses *status* são conjuntos de direitos e obrigações – estímulos e constrangimentos, para sermos mais exatos – que somente são visualizáveis em situações concretas de transações entre atores sociais. De maneira simplificada, os *status* são as características sociais que fazem os sujeitos se movimentarem ou se deterem diante de uma situação de decisão. São características pessoais, mas alicerçadas em valores socialmente difundidos. Os diferentes *status* de um ator social evidenciam-se quando da interação entre dois ou mais atores, isto é, nas trocas e transações entre os mesmos. (BARTH, 1981, p. 36-38).

Em síntese, um indivíduo qualquer, digamos José Joaquim de Andrade Neves, acima citado, é composto por diferentes conjuntos de interações sociais: ele é um pai, um marido, um irmão, um estancieiro, um patrão, um comandante do Estado-Maior da Guarda Nacional, um político bastante ativo, um amigo. Enfim, ele é composto por diferentes elementos simultâneos, os quais só fazem sentido porque descrevem relações com outros sujeitos: ninguém é pai de si mesmo, e um comandante sem subordinados não comanda ninguém. Um ou mais desses *status* estão envolvidos em um determinado elo criado entre Andrade Neves e algum de seus contatos de primeira ordem. Interessa ao investigador saber selecionar os *status* que afetam o desenvolvimento de sua pesquisa mais do que outros. O segundo lembrete de Barth é o de que, quando recorremos a indivíduos para atender às nossas demandas,

tendemos a acionar relacionamentos de que já dispomos, visto que se encontram em um fluxo de trocas e de transações prévios.

For a great number of our purposes we do not use random methods or classified directories, to locate suitable alters; on the contrary, we turn precisely to those persons about whom we already have information incidentally obtained in other connections, i. e. those we “know”, to provide us with a range of potential candidates. As a result, we will progressively turn a number of our single-stranded relations into increasingly multiplex relations – an option which presents itself precisely because of the large and diverse status repertoires of most persons. (BARTH, 1978, p. 168-169).

De forma simplificada, contamos com aqueles que já conhecemos, pois nos voltamos àquelas pessoas sobre as quais já temos informações. Esse contato não precisa, necessariamente, encontrar-se no primeiro nível de nossas relações. Não será incomum recorrer a nossos amigos e colaboradores a fim de localizar pessoas que disponham dos recursos de que necessitamos. São os amigos de amigos, aos quais recorreremos por meio de intermediários. Nos valemos das conexões mais imediatas de nossas redes a fim de selecionar candidatos cujas habilidades respondam às nossas demandas. Dessa forma, como afirma Barth, os relacionamentos fortalecem-se e se multiplicam em sua natureza, *i. e.*, nos *status* envolvidos.

Boissevain, por exemplo, relata o caso de um professor siciliano que procurando garantir o ingresso de seu filho na universidade, recorre a todos que conhece ou tem alcance, dentre eles um “amigo dos amigos”, *uno de quelli*, ou seja, um membro da máfia. O mafioso em questão aciona seus canais de comunicação e alcança as pessoas que melhor podem auxiliar o professor, mas não sem cobrar uma tarifa por seus préstimos: eles precisam de cabos eleitorais nas disputas locais que acontecerão em breve. Acertado o pagamento, em serviços note-se, o professor obtém a admissão do filho, mas apenas porque outros exerceram influência sobre aqueles que conheciam no círculo universitário. (BOISSEVAIN, 1974).

Assim, Andrade Neves, em sua investida contra João Luís Gomes da Silva, acionou contatos de que já dispunha e que acreditava que não lhe falhariam em momento de enfrentamento tão agudo e tão aberto. Os atores estavam devidamente posicionados na medida em que dispunham de tais relacionamentos anteriores e igualmente por

conhecerem as regras do jogo político no Brasil oitocentista. No momento do confronto, não havia espaço para meias medidas, e as antigas transações cobravam seu preço. Assim, Neves confiava no “venerador e criado” amigo Joaquim Manoel de Assunção Viana.

Por outro lado, como lembra Simona Cerutti (1998), é verdade que a linguagem adotada nas fontes, por si não permite uma aproximação com a sociedade em análise. Mas, assim como as categorias utilizadas pelos historiadores, o modo como os comportamentos eram qualificados pelos contemporâneos também poderia resultar da interpretação que tinham do mundo ao seu redor num momento específico, o que não significa que tais leituras da realidade não pudessem se modificar em outras situações.

Sobre esse aspecto, talvez fosse oportuno considerar que a amizade coloca-se como um elemento importante para a questão. As amizades engendram-se nas intrincadas disputas políticas, mesclam-se às famílias e aos círculos faccionais, mas são originadas e alimentadas também em sociabilidades, mas nem todas diretamente ligadas a objetivos políticos. Logo, encontros em bailes, convivência em jantares e pequenas conversas cotidianas podiam converter-se em instrumento político, uma “amizade política”, ou seja, trata-se de uma transação que aciona *status* específicos: uma relação recíproca entre pessoas onde se entrelaçam direitos e deveres reconhecidos pelos diferentes indivíduos envolvidos na querela entre os cunhados. Nesses termos, nenhum exagero seria dizermos que é no território dos diálogos sociais – sejam eles no sentido literal ou metafórico – entre “amigos” de ambos os lados que podemos observar facetas significativas não só do embate, mas, sobretudo, dos fluxos transacionais. (COSTA, 2011).

Se começamos a falar de amizades, tanto quanto de dependências, parece-nos relevante salientar o papel que a confiança ocupa numa trama dessa natureza, visto que ela, a nossos olhos, desempenha papel fundamental na elaboração de redes sociais. Estamos entendendo confiança como algo imerso nos fluxos transacionais sobre os quais falamos o tempo todo até aqui. Nesse sentido, confiança traduz a expectativa de que os mesmos fluxos sejam mantidos. Quando Andrade Neves roga a seu amigo político que exponha a violação de tûmulo praticada por João Luís Gomes da Silva, ele confia que será atendido, isto é, ele tem a expectativa de que o indivíduo com o qual transaciona, Assunção Viana, agirá de forma determinada, nesse caso, expor seu

inimigo. Dito de outro modo, o qual retoma Boissevain, a mensagem é transmitida de forma bem-sucedida. Portanto, não será descabido afirmar que as redes sociais se fundam em boa medida na expectativa de que o outro indivíduo aja da forma que se espera dele a fim de garantir a continuidade das transações. É uma análise de tendências, pois quanto mais sólido e antigo for um relacionamento, maior será a chance de que certas transações sejam concretizadas de forma satisfatória. Por outro lado, sempre há espaço para ações que destoem do esperado e rompem com expectativas e padrões. As redes e seus relacionamentos desenham padrões, mas não aprisionam seus integrantes aos mesmos. Como tais padrões trazem em si valores sociais difundidos, permitem alcançar algo da estrutura da sociedade, ou

grosso modo, um conjunto interligado de relações sociais reiterativas no tempo, porém com liames sempre tensos. Daí que estrutura é sempre movimento, possui certa elasticidade, que é capaz de absorver fenômenos que *mudam* suas “feições”, sem alterar suas bases. (FRAGOSO, 2002, p. 63).

Em qualquer tempo ou espaço, os indivíduos criam e recriam vias de circulação de interações em espaços sociais mais ou menos diversificados. Além disso, cremos que é justamente na interação entre os fluxos de transações e os distintos círculos relacionais que os indivíduos definem suas estratégias e negociam suas posições sociais. Enquanto *egos* de unidades sociais configuradas (com base nas pautas da hierarquia, da autoridade e da subordinação), tanto Andrade Neves como Gomes da Silva tinham lá seus limites de ação. Não sejamos ingênuos, eles próprios tinham consciência disso e, por isso mesmo, para manterem sua capacidade de enfretamento, também era necessário reiterar constantemente seus elos em redes políticas mais abrangentes, caracterizadas por transações entre indivíduos, famílias, facções e um Estado que oferecia às suas elites, fossem locais ou provinciais, meios por meio dos quais elas pudessem resolver suas diferenças, sem, necessariamente, solapar a ordem constitucional vigente. (GRAHAM, 1997; VARGAS, 2010; COSTA, 2011).

Por outro lado, essas ligações cobram seu preço. Fizemos questão de discernir entre transações e trocas, a fim de enfatizar a desigualdade existente nos sistemas sociais que analisamos. Quando falamos de

confiança, estamos nos referindo, neste contexto, a compromissos mútuos. Se uma ligação determinada possibilita acionar um sujeito, ela, igualmente, limita a ação do mesmo, visto que as obrigações entre dois pontos não podem ser ignoradas, sob risco de “deitar por terra” a confiança na relação. Portanto, esse elo que multiplica o alcance de um sujeito, por meio das cadeias de relações entre os sujeitos da rede, também afeta a estrela de primeira ordem no sentido inverso: atribui-lhe obrigações para com os membros de suas redes.

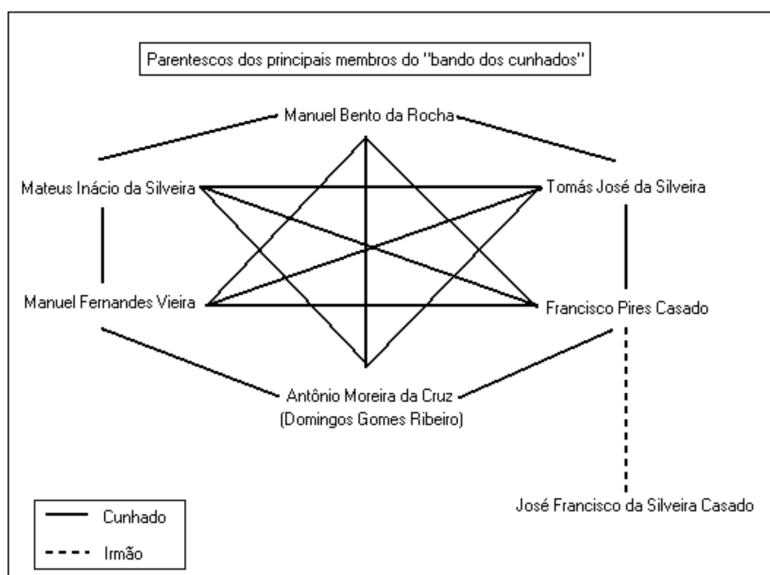
É interessante notar que Eisenstadt, em estudo sobre clientelismos, utiliza-se de um termo bastante específico, *strain*, para tratar das dependências entre sujeitos. (EISENSTADT; RONIGER, 1984). Essa palavra inglesa traduz-se como elo ou ligação, mas, simultaneamente, como algo sobre o qual age uma grande tensão, algo próximo de uma corda bastante esticada. Falta-nos uma palavra tão acurada em português, mas a ideia é bastante precisa. Trata-se da dualidade de um relacionamento, já que o mesmo amplia o raio de ação de um sujeito ao mesmo tempo que lhe atribui compromissos, limitando-o. A prioridade desses só pode ser analisada em casos concretos, mas considerá-los informa muito sobre os valores sociais de uma dada realidade. Portanto, esses laços que unem sujeitos e aumentam seu alcance de ação também os comprometem a realizar serviços como forma de pagamento, ou de retorno, o que mantém as boas relações e a boa disposição de seus contatos, ou cria tensões e disputas dentro da rede.

O diamante relacional

Mas de onde partir para mapear relacionamentos e desenhar os pontos e as linhas que tanto nos interessam? Usaremos outro caso dentre os estudados por nós. Dessa vez, trata-se dos relacionamentos existentes dentro de um grupo de vereadores da Câmara do Rio Grande de São Pedro, no século XVIII. Dentre os mais de cento e vinte homens que exerceram cargos na instituição, pudemos observar inúmeros relacionamentos. A política local era perpassada por irmãos, compadres, cunhados, pais e filhos. Isso nos conta algo sobre aquela época, mas, de imediato, nos diz pouco sobre a influência desses relacionamentos na política local. Um conjunto delimitado de sujeitos, contudo, chama a atenção. Trata-se de seis cunhados, todos vereadores ao longo dos anos na citada câmara. Cinco desses cunhados são homens que se aparentaram na medida em que casaram com cinco irmãs. O sexto é irmão delas, o

qual se tornou parente de todos os demais. Aos seis podemos somar ainda outros dois: José Francisco da Silveira Casado, irmão de um dos cinco esposos das cinco irmãs, e Domingos Gomes Ribeiro, segundo marido de uma dessas mulheres. A configuração do grupo, como vemos abaixo, apresenta a forma de um diamante.

Figura 1 – Parentesco entre os principais membros do bando dos cunhados



Fonte: Comissoli (2008).

Não foi um arranjo proposital. Ao menos não de forma consciente. Aqui o interesse do investigador coaduna-se à estrutura do próprio grupo. Trata-se de possibilitar a visualização dos relacionamentos dispostos entre todos os seus componentes, e, como seis deles compartilhavam as mesmas ligações, era necessário apresentá-las como equivalentes. Apenas um dos membros do bando: José Francisco da Silveira Casado escapa da configuração poligonal, pois, como dissemos, era irmão de Francisco Pires Casado, um dos cunhados.

Após alguma discussão, os autores deste artigo concordaram que, mais importante do que a apresentação em forma de diamante, é o fato

de o grupo não se limitar à ligação parental. Manuel Bento da Rocha e os seus cunhados dividiam outros relacionamentos e estatutos. No plano econômico, eram sócios, isto é, emprestavam dinheiro uns aos outros, operavam juntos na criação de gado vacum e muar e negociavam bens entre si. No plano político, participavam da Câmara de Vereadores local, o que lhes permitia interferir na política da monarquia lusitana, por vezes, dando vazão a interesses próprios. Em determinado ano, os cunhados ocuparam três dos cinco lugares na câmara, o que garantia a maioria em qualquer votação que fosse necessária. As assinaturas dos três seguem no final de cartas endereçadas ao Rei Dom José I (1750-1777), as quais procuravam obter importantes vantagens comerciais para os criadores de mulas no Rio Grande de São Pedro e para segmentos da elite local. Não que fossem os únicos beneficiados, mas Manuel Bento da Rocha e José Francisco da Silveira Casado se dedicavam, dentre outras, à atividade criadora e comercial. Por fim, ao menos quatro dos cunhados eram membros da mesma tropa de Ordenanças, organizando a população local e administrando disputas cotidianas.

Mas estamos começando a história pelo fim. No início havia apenas nomes. E nomes em excesso levam a certas dificuldades se manuseados sem os cuidados necessários.

o método a seguir seria o nome. Escolhidos o objeto de estudo ou os agentes históricos a analisar, caberia segui-los nas múltiplas relações que os formavam, o que significava investigar tais sujeitos em vários tipos de fontes, ou melhor, em todas que retratassem os diversos aspectos – cultural, econômico, político etc. – do seu cotidiano. Esta técnica, inevitavelmente, leva a mais nomes, a se afogar em nomes. (FRAGOSO, 2002, p. 62).

Também selecionamos um nome para seguir; escolhemos o de Manuel Bento da Rocha e, por meio dele, descobrimos mais nomes. A teia ainda não podia ser visualizada. Ou só podia na medida em que demonstrasse que pessoas conhecem pessoas. Poderíamos reorganizar a rede de relacionamentos de diversas maneiras, apostando em inúmeras configurações, que surgiam um tanto inertes. O que alterou essa situação foi o procedimento de procurar a recorrência de determinados nomes, sempre uns relacionados a outros. Da mesma forma, procurou-se a superposição de certos elos. Essa estratégia permitiu ver, pouco a pouco,

que os vereadores da mesma câmara eram cunhados, e que os cunhados eram sócios entre si, e que esses sócios eram igualmente oficiais da tropa de Ordenanças, ou seja, se inicialmente dispúnhamos de apenas um *status* para ser analisado, ao final, vários deles eram acionados pelo mesmo grupo de sujeitos.

O leitor nos há de perdoar por não demonstrarmos cabalmente os elos estabelecidos, pois isso foi feito em outro trabalho. (COMISSOLI, 2008). Nos interessa de momento afirmar que os vínculos familiares e econômicos que expusemos permitem supor que o envolvimento dos indivíduos com seu grupo era forte o bastante para supormos uma coerência de interesses e de ação, de tal forma que a presença de um deles na câmara funcionasse como porta-voz dos seus projetos comuns. Essa era a maior preocupação neste trabalho específico, e a motivação para valer-se da análise de redes. Portanto, nosso objetivo, que permitiu dotar a rede de significado, foi perceber a interferência (ou não) de laços pessoais na instituição camarária setecentista dentro do universo da monarquia pluricontinental portuguesa.

Identificados as linhas e os pontos do diamante relacional de Manuel Bento da Rocha e seus cunhados-sócios tornou-se possível interpretar a presença de suas assinaturas em determinadas cartas endereçadas ao rei de Portugal. Inicialmente, essa avaliação era ineficaz, mas o compartilhamento de diversos relacionamentos nos permitiu supor uma aproximação entre suas demandas. No mínimo, podemos pensar que a ação restritiva das relações, que os compromissos mútuos e que a complexificação de seus elos os constroem a responder de forma positiva aos reclames de seus parentes e aliados. Diferentemente do exemplo de Andrade Neves e João Luís Gomes da Silva, o qual demonstra que o parentesco por si não é suficiente para determinar a coerência da ação, aqui não detectamos atritos entre os cunhados.

A preocupação, no caso dos vereadores, foi não somente reconhecer elos, mas multiplicar o tipo de ligação que ostentavam, partindo do princípio de que tais homens procuravam resposta aos seus interesses acionando contatos já estabelecidos. O que nos permite pensar em uma ação coerente de Manuel Bento da Rocha e seus familiares? Eles oferecem uma multiplicidade de relacionamentos. Eles apadrinharam filhos uns dos outros, testemunharam favoravelmente em processos de justificação matrimonial, emprestaram-se dinheiro, associaram-se na criação de animais, negociaram casas. Enfim, demonstraram efetuar transações e

trocas com regularidade, o que nos permite pensar que atuavam tendo por horizonte o benefício do grupo, ou seja, a consolidação de projetos de poder que os qualificava como membros da elite da capitania do Rio Grande de São Pedro, no século XVIII, uma condição que, de fato, atingiram. (COMISSOLI; GIL, 2012). Essa recorrência e os múltiplos *status* envolvidos nos autorizam a falar não somente de relacionamentos, mas de relações com sentido definido. Manuel Bento da Rocha, nossa “estrela de primeira grandeza”, tinha em seus cunhados contatos de primeira ordem, nos quais confiava, isto é, sócios-parentes que agiriam dentro de seu horizonte de expectativas.

Outro elemento importante é o modo como o relacionamento evoluiu, sendo essa uma preocupação particularmente relevante. Afirmar que pessoas conhecem pessoas nos diz muito pouco sobre o sistema social em que vivem. Contudo, identificar o modo como tais pessoas conheceram-se e o sentido da evolução de seus elos parecem particularmente ricos em termos analíticos.

A questão que realmente se pontua ao tentarmos descobrir se os cunhados haviam desenvolvido relações antes de se aparentarem diz respeito à natureza dos relacionamentos que desenvolvem e como os mesmos evoluem. Eles podem ter sido sujeitos que, ao se tornarem cunhados, montaram sociedade em negócios, de maneira que o laço familiar é o responsável por agregar esses homens. Nesse sentido, são suas esposas que conferem coesão ao grupo, pois é sua entrada na família que os leva a estabelecer sociedades.

Em outra perspectiva, contudo, os “homens bons” podiam já possuir relações entre si, não só econômicas, mas de naturezas diversas. Esse é o caso de dois deles, Manuel Bento da Rocha e Antônio Moreira da Cruz, que se conheciam já em Portugal. Dessa forma, ao casar com uma das citadas cinco irmãs, não se iniciava uma relação, mas se estreitava um laço já existente, demonstrando uma estratégia bastante consciente desses sujeitos em complexificar suas relações. Os amigos se tornavam sócios, e os sócios se tornavam parentes. Tanto em uma como em outra sequência de eventos, ocorre o crescimento do número de *status* envolvidos no relacionamento entre dois indivíduos. A rede se torna mais e mais entrelaçada.

Por que tais questionamentos povoam nossas preocupações de análises? Principalmente porque nos interessa, no uso da análise de redes sociais, identificar o encontro entre sujeitos, isto é, o modo como iniciam

e desenvolvem seus relacionamentos, bem como o sentido dessa evolução. Como sintetiza Fortunata Piselli (1995), essa é, talvez, uma das maiores preocupações dos investigadores que se valem do uso das redes sociais.

Gli analisti del network non studiano i gruppi e le istituzioni. Studiano gli individui *dentro* i gruppi e le istituzioni. [...] Studiano come gli individui attraverso le reti personali si ramificano, si proiettano nelle istituzioni, le usano a proprio vantaggio [...]. In conclusione, non studiano le forme, studiano i processi: i “processi di creazione” – così li chiama Boissevain – di ciò che a un altro livello di astrazione è chiamato gruppo corporato. (PISELLI, 1995, p. XXXVIII).

O processo de criação respeita o modo como a sociedade desenvolve uma dada forma. Visto que a análise de redes sociais é egocentrada e privilegia o estudo da sociedade no nível dos indivíduos, isso tem importantes repercussões na interpretação das sociedades e de suas instituições. A transformação vai no sentido da avaliação de Marshall Sahlins (2006) sobre a obra de Tucídides: *História da Guerra do Peloponeso*. Diz ele que os atores descritos pelo grego são indivíduos ou coletividades. São os atenienses que combatem os espartanos; é Péricles quem discursa ou Alcebiades quem sugere a expedição à Sicília, mas nunca é Atenas ou Esparta que guerreia ou efetua qualquer ação. Os atores sociais são indivíduos ou coletividades, mas nunca entidades personificadas. Assim, a análise de redes procura ver a ação de instituições, mas, por meio de seus integrantes e das tensões que existem na equação entre compromissos, deveres e liberdades de ação. Os governantes, nunca o governo; os políticos, mas não a política em si.

Brinquedo de armar: redes sociais e sistemas sociais

Rede social [*social network*] é o conjunto de interconexões entre diversas pessoas dentro de um sistema social. Essas conexões resultam das interações desenvolvidas entre os sujeitos, de modo que as redes podem ser interpretadas tanto à luz de um tipo de relação específica quanto pelo conjunto das mesmas. Os nós dessas redes incidem nas pessoas envolvidas em sua composição, pois de cada sujeito partem e chegam relações com inúmeros outros, em muitos casos, existindo mais de um tipo de ligação entre dois personagens. Esses nós são interpretados como pontos de encontro das relações sociais que, quando vistos em

conjunto, formam um determinado arranjo dotado de coerência. Nesse sentido, o integrante do emaranhado do qual partimos para a análise da rede, o “ponto zero” da reconstrução das relações sociais, pode ser chamado de “estrela de primeira ordem” [*first-order star*]. A abordagem conduz a investigação a trabalhar sobre o “encontro”, as interações entre sujeitos, elemento que torna a análise dinâmica, uma vez que sugere a compreensão da realidade social por meio de seu fluxo de relações.

O entendimento da sociedade por meio dessas redes é possível uma vez que as ligações pessoais organizam os sujeitos de acordo com sua conduta, tendo por baliza ações precisas. A caracterização específica da sociedade, portanto, se forma por meio da qualidade das relações sociais que se engendram em seu seio, gerando um sistema tanto pelo tipo de ligação quanto pela articulação entre as mesmas. (BEUNZA, 2002). Há, portanto, uma valorização da análise das relações interpessoais, entendidas como capazes de formar elos duradouros. Boa parte de nosso esforço se dirigiu a identificar o surgimento de tais relações, bem como sua evolução e complexificação, com atenção voltada certamente à forma, mas principalmente, à evolução desses processos. A estrutura social define-se pela constância dessas relações no tempo e no espaço, sendo construída no cotidiano pelos atores sociais. Simplificadamente, as relações repetidamente evidenciadas definem ligações entre sujeitos que formam padrões capazes de estruturar a sociedade, como se essa fosse um imenso jogo de armar.

Multiplicando-se a rede, há sempre o perigo de “afogar-se” em nomes. O “colete salva-vidas” para esse “mar” de possibilidades é certamente a seleção de critérios de seleção dos indivíduos, mas, acima de tudo, das relações estudadas, o que reporta à clareza e à precisão dos objetivos da análise.

Referências

- BARTH, Fredrik. *Process and form in social life: selected essays of Fredrik Barth*. London: Routledge & Kegan Paul, 1981. v. 1.
- BARTH, Fredrik. Scale and network in urban western society. In: BARTH, Fredrik (Ed.). *Scale and social organization*. Oslo: Universitetsforlaget, 1978. p. 163-183.
- BERTRAND, Michel. Los modos relacionales de las elites hispanoamericanas coloniales: enfoques y posturas. *Anuario IEHS*, Argentina: Tandil, n. 15, p. 61-80, 2000.
- BEUNZA, J. M. Imízcoz. Communauté, réseau social, elites. L'armature sociale de l'Ancien Regime. In: CASTELLANO, Juan Luis ; DEDIEU, Jean-Pierre. *Réseaux, familles et pouvoirs dans le monde ibérique à la fin de l'Ancien Régime*. Paris: CNRS, 2002. p. 31-66.
- BOISSEVAIN, Jeremy. *Friends of friends: networks, manipulators and coalitions*. Oxford: Basil Blackwell, 1974.
- CERUTTI, Simona. Processos e experiências: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVIII. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 171-201.
- COMISSOLI, Adriano. *Os "homens bons" e a Câmara Municipal de Porto Alegre (1767-1808)*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008.
- COMISSOLI, Adriano. *A serviço de Sua Majestade: administração, elite e poderes no extremo meridional brasileiro (1808c.-1831c.)*. 2011. Tese (Doutorado) – PPGHS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.
- COMISSOLI, Adriano; GIL, Tiago. Camaristas e potentados no extremo da Conquista, Rio Grande de São Pedro, 1770-1810. In: FRAGOSO, João; SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de. *Monarquia pluricontinental e a governança da terra no ultramar atlântico luso: séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012. p. 241-260.
- COSTA, Miguel Ângelo Silva da. *Entre "a intolerância política" e a "sede ardente de mando": família, poder e facções no tempo dos cunhados José Joaquim de Andrade Neves e João Luís Gomes da Silva (c.1845 – c.1870)*. 2011. Tese (Doutorado) – Unisinos, São Leopoldo, 2011.
- EISENSTADT, S. N.; RONIGER, L. *Patrons, clients and friends: interpersonal relations and the structure of trust in society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- FRAGOSO, João Luís. Afogando em nomes: temas e experiências em história econômica. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, dez. 2002.
- GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997.
- GRIBAUDI, Maurizio. Les discontinuités du social: un modèle configurationnel. In: LEPETIT, Bernard (Dir.). *Les formes de l'expérience: une autre histoire sociale*. Paris: A. Michel, 1995.
- IMÍZCOZ, José Maria. Actores sociales y redes de relaciones: reflexiones para una historia global. *Revista da Faculdade de Letras e História*, Porto: III série, v. 5, 2004.
- LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 77-102.
- LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história:*

novas perspectivas. São Paulo: Edunesp, 1992.
p. 133-162.

PISELLI, Fortunata. *Reti: l'analisi di network
nelle scienze sociali*. Roma: Donzelli Editore,
1995.

SAHLINS, Marshall. *História e cultura:
apologias a Tucídides*. Rio de Janeiro: J. Zahar,
2006.

VARGAS, Jonas Moreira. *Entre a paróquia e a
corte: os mediadores e as estratégias familiares
da elite política do Rio Grande do Sul (1850-
1889)*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.